

A política externa do Hamas

The foreign policy of Hamas

Vanessa Miguel Chamma

Resumo

Este artigo pretende abordar a política externa do Hamas, Movimento de Resistência Islâmica (em árabe, *haraka al-muqawama al-islamiyya*), bem como seus relacionamentos com outros Estados e as consequências de seus desdobramentos. Primeiramente, serão lembradas as relações mais antigas com Irã, Jordânia e Síria. Posteriormente, o panorama atual da política externa do movimento ilustra a aproximação com a Arábia Saudita, as idas e vindas com o Irã, o conturbado relacionamento com o Egito e a relação com o Qatar. A metodologia utilizada baseou-se em estudos e pareceres de grandes acadêmicos, além da análise dos últimos acontecimentos, nos quais Khaled Meshaal, dirigente do Escritório Político do Hamas, representa o grupo em reuniões com outros governos. Os resultados obtidos demonstraram que o movimento encontra-se em uma situação difícil, pois ao lutar pela sua sobrevivência, ou adere à total reaproximação com o Irã, ou concorda com as regras impostas pela Arábia Saudita, isolando a ala militar do Hamas, mas melhorando sua imagem perante a comunidade internacional.

Palavras-Chave: Palestina; Política Externa do Hamas; Irã; Arábia Saudita; Khaled Meshaal.

Abstract

This paper intends to approach the foreign policy of Hamas, Islamic Resistance Movement (in Arabic, *Haraka al-Muqawama al-Islamiyya*), as well as their relationships with other States and the consequences of its developments. First, it will be remembered older relations with Iran, Jordan, and Syria. After, the current situation of the movement's foreign policy illustrates the approach with Saudi Arabia, the comings and goings of Iran, the troubled relationship with Egypt, and the relationship with Qatar. The methodology used was based on studies and opinions of leading academics, as well as analysis of the latest developments, in which Khaled Meshaal, Hamas Political Office leader, represents the group in meetings with other governments. The results obtained evidenced that the movement is in a difficult situation, because the fight for its survival, or sticking to full rapprochement with Iran, or agree to the rules imposed by Saudi Arabia, isolating Hamas's military wing, but improving its image in the international community.

Key-words: Palestine; Foreign Policy of Hamas; Iran; Saudi Arabia; Khaled Meshaal.

Introdução

Em janeiro de 2006, o Hamas – ou Movimento de Resistência Islâmica – obteve êxito ao participar e vencer as eleições no Conselho Legislativo Palestino da Autoridade Palestina, tanto na Cisjordânia como na Faixa de Gaza, surpreendendo a comunidade internacional. Seu triunfo parecia ser inevitável, levando-se em conta o insucesso em findar a ocupação israelense na Palestina, o que provocou duas consequências: aumento da frustração e radicalismo em segmentos da sociedade palestina. Vale salientar também que tal vitória proporcionou três resultados: trouxe popularidade ao Hamas; impactou os palestinos que vivem em Israel, nos Estados Unidos da América, na Europa e nos países árabes; e fragilizou o Fatah (em árabe, *haraka al-tahrir al-uaṭani al-filastini*) – ou Movimento de Libertação Nacional da Palestina – o qual vinha governando os territórios palestinos por mais de 40 anos.

A vitória nas eleições trouxe ao movimento quase 60% das cadeiras. Duas importantes razões contribuíram para esse resultado: o Hamas efetuou um trabalho árduo de programas sociais, durante muitos anos, entre o povo palestino; e a frustração com o processo de paz com Israel, os Acordos de Oslo, defendidos pela liderança do Fatah¹. Em outras palavras, dificilmente pode-se afirmar que os palestinos votaram no Hamas por motivos religiosos. Metade dos eleitores apoiou o movimento devido seus programas sociais, já a outra metade foi motivada pelo fracasso do processo de paz, deixando os palestinos desacreditados na opção de negociar um acordo pacífico com Israel.

As eleições para o escritório político do Hamas e outros cargos políticos do movimento ocorrem, geralmente, a cada quatro anos. O escritório político representa o poder executivo do movimento e possui a missão de executar a estratégia do Conselho Consultivo – em árabe, *majlis al shura* – estabelecendo a orientação política da organização. Enquanto o escritório político é eleito pelo Conselho Consultivo, o poder global deste percebe-se um tanto inexpressivo devido a dois fatores, quais sejam: a distância geográfica do escritório político do Hamas, atualmente sediado em Doha, capital do Qatar; e a autonomia política e financeira da liderança externa, à

1. O movimento Fatah (Movimento de Libertação Nacional da Palestina) foi criado em 1959 por Yasser Arafat e outros ativistas palestinos na Cisjordânia, Faixa de Gaza e países árabes vizinhos. O Fatah declarou representar uma afiliação não ideológica e possuir uma perspectiva secular. (HROUB, 2008, p. 12)

mercê da coleta de fundos para o movimento. A faculdade em inspecionar e distribuir fundos fornece à liderança externa o condão financeiro e a supervisão sobre a organização (DAHER, 2012).

Embora o movimento seja movido por princípios religiosos, a sua força advém do nacionalismo palestino. De acordo com alguns líderes do Hamas, o objetivo central “reside na criação de um Estado soberano e independente, desde que não esteja a serviço de Israel” (MUSLIH, 1999, p. 44). Atualmente, a política do Hamas está centrada na sobrevivência organizacional, o que pode ser uma grande chance para uma remodelagem política (MUSLIH, 1999, p. 45). Os desdobramentos políticos nessas áreas também mantêm uma relação direta com as políticas dos governos do Golfo. Além disso, o Hamas é uma grande influência na dissidência contra as políticas norte-americanas no Oriente Médio. Dessa forma, a política externa da organização pode ditar os rumos políticos, facilitando ou prejudicando o desenvolvimento para a paz ou estabilidade regional (MUSLIH, 1999, p. 1).

Khaled Meshaal, chefe da liderança externa do Hamas, representa o movimento em reuniões com outros governos, porém, ele não exerce o cargo de chefe do gabinete político do movimento. Como medida de segurança e para evitar tentativas de assassinato por parte de Israel, o nome do presidente do gabinete político é mantido em segredo. O motivo dessa estratégia possui suas origens no assassinato de Abdel Aziz Al-Rantisi, em 17 de abril de 2004, três semanas após a sua sucessão como presidente do Hamas, depois da morte de Ahmed Yassin², assassinado em 22 de março de 2004. Atualmente, a liderança do Hamas na Faixa de Gaza exercida por Ismael Haniyeh e a liderança externa do grupo, representada por Khaled Meshaal, são os dois núcleos eleitorais mais importantes e expressivos do movimento (DAHER, 2012).

No âmbito da política externa, alguns relacionamentos merecem destaque. O Qatar aparece como um dos principais financiadores do Hamas, pois forneceu US\$ 400 milhões, em 2012, e concedeu abrigo à Meshaal desde que este deixou a Síria. O país também apoia a Irmandade Muçulmana, o que causou diversas divergências com outros países, principalmente com o Egito. A Turquia também

2. Ahmad Yassin foi morto em um ataque com mísseis de helicópteros israelenses ao deixar uma mesquita na cidade de Gaza ao amanhecer. Sete outras pessoas, incluindo os guarda-costas foram mortas. Dezessete pessoas, dentre elas dois dos filhos de Yassin, ficaram feridas no ataque, de acordo com relatos iniciais (WRIGHT, 2004, s/p). Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2004/mar/22/israel1>

vem demonstrando simpatia para com o movimento. Recep Tayyip Erdogan, presidente turco, tem feito críticas ferozes com relação à ação militar de Israel na Faixa de Gaza, chegando a compará-lo com a Alemanha nazista. O Hamas também vem demonstrando esforço para se reaproximar do Irã e do Hezbollah, com os quais passou por alguns momentos difíceis, devido à sua recusa em apoiar o governo Assad na guerra civil da Síria. Houve indícios de uma reaproximação com a Jordânia, a qual pretende retornar ao cenário político palestino mediando uma reconciliação entre as facções rivais palestinas (TAYLOR, 2014).

O Egito de Hosni Mubarak teve papel de mediador nos conflitos entre Israel e o Hamas, não apenas por ser uma das maiores potências militares da região, como também por partilhar uma fronteira com Gaza. Agora, com Abdel Fatah Al-Sisi no poder, o Egito faz uma forte oposição ao Hamas, o qual nasceu do grupo islâmico egípcio, a Irmandade Muçulmana, proibida de executar suas atividades pelo presidente Sisi. A Arábia Saudita, incomodada com os movimentos islâmicos, chegou a designar a Irmandade Muçulmana como uma organização terrorista e o apoio iraniano ao Hamas também ocasionou um empecilho para a organização. Em contrapartida, o rei Abdullah criticou o silêncio internacional sobre a situação em Gaza, classificando-a como “crimes de guerra contra a humanidade” (TAYLOR, 2014, s/p).

Este artigo tem como objetivo abordar a política externa do Hamas, seus aliados e os respectivos desdobramentos, os quais trouxeram transformações domésticas e internacionais. O artigo divide-se em três partes. A primeira trata de relembrar como se deram os antigos relacionamentos com Irã, Jordânia e Síria. Dedicar-se a segunda parte trazer à tona o panorama atual. Finalmente, a terceira parte traz a análise de dois cenários, favorável e desfavorável, assim como a recente política externa do Hamas, o qual vem atuando como um pêndulo ante as duas potências regionais: Irã e Arábia Saudita.

Política externa

O Hamas não representa um simples movimento palestino local, e sim um movimento com um traço islâmico regional, mesmo que suas ações estejam limitadas ao território palestino. De acordo com Kramer (2007, p. 61), a palavra “glocal” – destinada a explicar

a combinação de global com local, e utilizada para caracterizar empresas, movimentos e organizações – “pode ser usada para definir o movimento Hamas, visto que retira a sua força motriz tanto da luta palestina como da ascensão global de movimentos islâmicos”. O Hamas também nutre afinidades com grupos e pessoas, fora da arena palestina, e procura transformar a ordem mundial existente desde a sua fundação. Tal fato mostra-se evidente, porém, isso não impedirá que ele seja ignorado.

Percebe-se certa ironia no fato de que muitas das condições, que levaram o Hamas à vitória nas eleições de 2006, foram edificadas por seus críticos. Israel e EUA debilitaram o movimento Fatah e a Autoridade Palestina, abrindo caminho para que o Hamas chegasse ao poder (HROUB, 2008, p. 199). Os funcionários americanos e israelenses ficaram incomodados com os resultados das eleições, pois, frequentemente, têm mencionado que não trabalhariam com uma Autoridade Palestina na qual o Hamas estivesse presente. Em Washington, Condoleezza Rice, na época secretária de Estado estadunidense, afirmou que “um partido não pode ter um pé na política e outro no terror; nossa posição sobre o Hamas não mudou”. Javier Solana, chefe da política externa da União Europeia, emitiu um comunicado dizendo que “o povo palestino havia votado democraticamente e pacificamente”, no entanto, em uma reunião de chanceleres europeus, acrescentou: “estes resultados podem confrontar-nos com uma situação inteiramente nova, que deverá ser analisada” (WILSON, 2006, s/p).

Além do cenário palestino e israelense, a região tem sido moldada por uma nova configuração, obviamente na direção oposta àquela almejada pelos EUA, e vantajosa para o Hamas. Se a invasão do Iraque tendia à reedificação da região rumo a uma nova geopolítica que fosse liderada pelos EUA, o Irã surgiu como o beneficiário da influência, ocasionando a intervenção norte-americana. O Irã assumiu o comando das principais áreas de desenvolvimento interno no Iraque e, conseqüentemente, houve a possibilidade de ser o maior condutor do futuro iraquiano. Os xiitas iraquianos – a maioria da população iraquiana – apoiariam os xiitas iranianos, caso houvesse um confronto contra os EUA. O Irã ainda poderia incitá-los a uma ação contra a presença norte-americana e dirigir o impasse iraquiano para outro episódio sangrento (HROUB, 2008, pp. 199, 200).

Devido essa súbita influência regional, o Irã apoiou o Hamas publicamente e prometeu ressarcir qualquer corte nos fundos de

auxílio aos palestinos pelos EUA ou União Europeia. O Irã mantém uma forte ligação com a Síria e o Hezbollah³, os quais também apoiavam o Hamas por motivos domésticos e regionais, os quais se baseiam no fato do Irã disputar o papel de potencia regional com a Arábia Saudita. Os sírios, ao enfrentar a grande pressão norte-americana para que deixassem o Líbano, sentiram-se obrigados a tomar medidas de sobrevivência, incluindo o suporte ao Hamas com o intuito de alcançar a solidariedade pan-árabe. O desenvolvimento iraniano favoreceu o Hamas, não somente por razões financeiras e políticas, mas também pela possibilidade de se utilizar da ameaça de uma sólida relação com o Irã, induzindo os países rivais do Irã a ofertar ainda mais ajuda aos palestinos (HROUB, 2008, p. 200).

Apesar da relação entre o Hamas e a Arábia Saudita sempre ter sido amistosa, isso não impediu que o governo saudita ficasse muito apreensivo com o alto padrão diplomático, discursivo e aproximação do Irã com o movimento. Juntamente com o Egito e outros países árabes, a Arábia Saudita tem se empenhado para evitar que o movimento seja introduzido na esfera de poder, na política e na agenda do Irã. Dessa forma, tais países ofertam suporte diplomático e financeiro ao Hamas. Com tantos atores exercendo influência em direções contrárias, atritos podem ser criados, e, nesta hipótese, o Hamas deverá ser muito hábil para explorá-los e tentar usá-los a seu favor. Enquanto o movimento estiver centrado e ocupado na Palestina e não for intensamente atingido pelas pressões, seu papel e impacto na estabilidade regional serão inexpressivos e estarão limitados ao conflito Israel-Palestino (HROUB, 2008, pp. 200, 201).

Vínculo Iraniano

Os relacionamentos mais expressivos do Hamas foram com a Síria e o Irã. A relação com o Irã foi ainda mais marcante pelo fato de que o país tem auxiliado movimentos xiitas, no entanto, o Hamas pertence à vertente sunita. O vínculo iraniano foi real, antigo e caracterizado por raízes profundas (CHEHAB, 2007, pp. 134, 141). A relação entre o Irã e o Hamas começou a desenvolver-se após a OLP ser convocada para um acordo de paz com Israel. Em 1990, Teerã

3. O Hezbollah é uma organização política e militar poderosa no Líbano, formada majoritariamente por muçulmanos xiitas. Seu líder é Hassan Nasrallah. O grupo surgiu com apoio financeiro do Irã no começo dos anos 1980, e começou uma campanha para expulsar tropas israelenses do Líbano (BBC, 2011, s/p). Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/01/110125_perfil_hezbollah_ji.shtml

organizou uma conferência que tratou sobre o apoio à Palestina. O Hamas esteve presente, mas não Arafat. No início de 1990, uma delegação do Hamas, liderada por Mousa Abu Marzouk, manteve conversações com importantes funcionários de Teerã, inclusive com aiatolá Khamenei. O Irã prometeu fornecer apoio militar e financeiro – cerca de \$30 milhões ao ano – além de um sofisticado treinamento militar para milhares de ativistas do Hamas nas bases da Guarda Revolucionária do Irã e no Líbano. O movimento também estabeleceu um escritório em Teerã, declarando que “ambos compartilham uma visão idêntica na perspectiva estratégica para a causa palestina na sua dimensão islâmica” (BRANDENBURG, 2010, s/p).

Usama Hamdan, designado a representar o Hamas no Irã, em 1994, reconheceu que o relacionamento entre Teerã e o Hamas aconteceu graças à anterior relação entre o Irã e a OLP. Todavia, afirmou: “há uma ausência de qualquer prova ou evidência sobre o apoio financeiro iraniano ao Hamas, Jihad Islâmico e outras facções palestinas que estabeleceram contatos com o Irã. São apenas rumores e especulações” (CHEHAB, 2007, p. 142). Ele designou a Fundação dos Mártires como “a organização responsável por fornecer ajuda à aproximadamente quatro centenas de famílias palestinas de mártires e prisioneiros”. A referida fundação foi criada em 1980 no Irã, durante a guerra Irã-Iraque, com o intuito de ofertar suporte financeiro às famílias dos mortos, desaparecidos ou capturados. A fundação possui várias filiais ao redor do mundo como um dos meios de exportar a revolução. Hamdan julgava pouquíssimo provável que quaisquer transferências de dinheiro ilegais fossem efetuadas a partir do exterior para a Cisjordânia e Faixa Gaza, “devido às medidas rigorosas empregadas pelos israelenses” (CHEHAB, 2007, p. 142).

Apesar dessas declarações, tornou-se evidente que diversos carregamentos de armas, tanto os interceptados pela marinha israelense no Mediterrâneo, apreendidos na Jordânia, quanto àqueles que chegaram ao seu destino estabelecido, tinham algo em comum: todos vinham do Irã (CHEHAB, 2007, p. 143). O Hamas nunca realizou qualquer atividade militar fora da Palestina, porém, sempre existirá a possibilidade de que o contexto mude se o movimento perceber que esteja enfrentando uma situação insustentável. Meshaal fez uma declaração, segundo a qual “o grupo lutará com o Irã em qualquer lugar se este sofrer algum ataque promovido por Israel”. Portanto, supõe-se que se ocorresse um confronto mi-

litar entre o Irã e os EUA na região, certamente o Hamas poderia ser impulsionado a identificar uma nova função regional (HROUB, 2008, p. 201).

Teerã manteve seu suporte ao Hamas durante toda a intifada e o apoio aumentou após a morte de Arafat em 2004 e a retirada de Israel de Gaza em 2005. Porém, o notável triunfo do Hamas nas eleições de 2006 modificou totalmente suas relações com o Irã. Teerã intensificou sua ajuda na tentativa de salvar a Autoridade Palestina em Gaza, nesse momento sob o comando do Hamas, depois que a ajuda externa cessou. Em dezembro de 2006, quando Ismail Haniyeh, primeiro-ministro do Hamas, visitou Teerã, este prometeu uma quantia de US\$250 milhões. O Irã enviou ajuda e treinamento militar, além de ofertar a maior parte do equipamento militar que o Hamas usou contra Israel no conflito de Gaza, em dezembro de 2008 (BRANDENBURG, 2010, s/p).

No entanto, houve uma ruptura na relação entre Teerã e o Hamas devido à eclosão da guerra civil na Síria em 2011. Na verdade, sempre existiram diferenças sectárias e a relação tornou-se difícil quando Teerã apoiou o presidente sírio, Bashar al-Assad, e o Hamas alinhou-se aos rebeldes sunitas. Então, em 2012, o Hamas mostrou interesse pelo Qatar como um financiador alternativo, na falta do Irã. Os líderes do Hamas estabeleceram moradia no Qatar, depois que deixaram a Síria. Em novembro de 2012, uma nova onda de violência em Gaza entre Israel e militantes do Hamas borbulhou. Israel lançou a Operação Pilar da Defesa, iniciando-a com o assassinato de Ahmad Jabari, chefe militar do Hamas em Gaza. Tal conflito, com duração de oito dias, resultou em 150 palestinos e seis israelenses mortos. Autoridades iranianas forneceram crédito para apoiar o Hamas durante o conflito (BRANDENBURG, 2010, s/p).

O conflito de 2014 trouxe uma chance para reparar a relação entre o Hamas e o Irã. As tensões entre Israel e o Hamas aconteceram depois que o Hamas sequestrou e matou dois adolescentes israelenses. O referido conflito, constituído por ataques aéreos e ataques com foguetes por sete semanas, matou mais de 2.000 palestinos e desmantelou grande parte da rede de túneis subterrâneos do Hamas. Em agosto de 2014, Rouhani considerou as ações de Israel como “sistemáticas, ilegais e crimes desumanos contra os palestinos”. A Guarda Revolucionária do Irã enviou uma grande quantia de dólares para o Hamas ao longo dos próximos meses com a finalidade reconstruir a rede de túneis (BRANDENBURG, 2010, s/p).

Todavia, no início de 2015, a relação começou a enfrentar novos desafios, pois o Hamas demonstrou apoio tácito à campanha militar que a Arábia Saudita lançou contra os *houthis*⁴ no Iêmen, o que desagradou o Irã, o qual condenou a intervenção. A Arábia Saudita, cujos laços com o Hamas já tinham sido controversos devido às ligações do grupo com o Irã, recebeu uma delegação de líderes do Hamas em julho de 2015, a primeira visita em mais de três anos. A visita aborreceu as autoridades iranianas, que cancelaram uma visita do Hamas ao Irã no mês seguinte. No final de julho, líderes do Hamas declararam que o Irã havia interrompido o seu apoio financeiro (BRANDENBURG, 2010, s/p).

Em agosto de 2015, Ghazi Hamad, vice-chanceler do Hamas, disse que “as relações bilaterais com o Irã não eram nada boas”. Ele declarou ao jornal *The Washington Post* que “os problemas do Hamas com o Irã eram bem conhecidos”. Mas, Hamad também afirmou que “o grupo não deseja perder o apoio do Irã”. A situação exata da relação não estava clara. Em novembro de 2015, um conselheiro do líder supremo iraniano afirmou que “o Irã nunca cessaria seu apoio ao Hamas”. Em dezembro de 2015, Khaled Ghadouni, um representante do Hamas em Teerã, encontrou-se com o ministro do Exterior do Irã, Mohammad Javad Zarif, quando enfatizou a necessidade de evoluir a relação entre Irã e Hamas. Ismail Haniyeh solicitou apoio iraniano para uma nova intifada contra Israel. Em um vídeo publicado pela Raja News, veículo de comunicação iraniano, Haniyeh lembrou a importância da Palestina para a Revolução Islâmica do Irã, o governo do Irã e o povo iraniano (BRANDENBURG, 2010, s/p).

Ambos, Hamas e Irã, necessitam um do outro. Pelo fato do Irã não ter muitos aliados sunitas na região, tal aliança acaba livrando o país de acusações de que ele poderia estar causando uma contenda de xiitas contra sunitas. Já o Hamas necessita de apoio estrangeiro, visto que vive em um cenário de crescente isolamento palestino e internacional. Ademais, o movimento está se sentindo pressionado, devido ao seu fracasso em reconstruir a Faixa de Gaza após o último conflito com Israel. No entanto, recentemente, Hamdan declarou que as divergências com o Irã foram resolvidas:

4. Os *houthis* pertencem a um grande clã originário da província de Saada, noroeste do Iêmen, que praticam o zaydismo, uma vertente do xiismo. Os zaydis compõem cerca de 35% da população do Iêmen (GLENN, 2015, s/p). Disponível em: <http://iranprimer.usip.org/blog/2015/apr/29/who-are-yemens-houthis>

“as relações entre o Irã e o Hamas voltaram ao normal” (TOAMEH, 2015, s/p).

Relação com a Jordânia

As relações com a Jordânia foram favoráveis, principalmente após a invasão do Kuwait pelas forças iraquianas, visto que os líderes do Hamas, sediados no Kuwait, dirigiram-se à Amã. Muitos, nesse momento, estavam convencidos de que o governo da Jordânia aproveitaria o Hamas como um instrumento de barganha, caso ocorresse um conflito com a Organização de Libertação da Palestina (OLP). Entretanto, quando a liderança do Hamas não notificou ao governo jordaniano sobre seu propósito de planejar operações militares nos territórios ocupados, o país começou a hostilizar o grupo. Em 1991, a Irmandade Muçulmana e a liderança do Hamas surpreenderam-se ao serem notificados, por um alto funcionário da segurança jordaniana, que o governo tinha apreendido um grande carregamento de armas, além de metralhadoras e canhões, com valor estimado a US\$ 1,5 milhão, e depositados em quatro endereços distintos em Amã. Nove ativistas do Hamas foram detidos e presos por nove meses e somente foram libertados com o perdão do rei, em 1992. Nesse período, teve início o término da tolerância do governo jordaniano para com a liderança do Hamas, enrijecendo sua postura ao acompanhar de perto as atividades do movimento (CHEHAB, 2007, p. 131).

Após dois anos, em 1993, houve uma reunião no escritório do primeiro-ministro da Jordânia, Zaid bin Chaker, na qual estiveram presentes os principais líderes do Hamas: Abu Marzouk, Ibrahim Harai Goshi, Muhammad Nazzal, Imad Alami, entre outros. Nesse encontro ficou esclarecido ao Hamas que o governo jordaniano apenas autorizaria atividades políticas e de mídia que não prejudicassem os interesses da Jordânia, não sendo permitidas quaisquer ações militares. As agências de inteligência da Jordânia estavam apreensivas com relação ao Hamas, pois este poderia converter-se em uma organização militar, ameaçando a segurança interna do país. Dessa forma, a vigilância foi intensificada após a interceptação de CDs, nos quais continham informações minuciosas sobre a organização, o que ocasionou novas detenções (CHEHAB, 2007, pp. 131, 132).

Cinco agentes do Mossad dirigiram-se à Amã com o intuito de “eliminar” Meshaal. Armaram uma emboscada e alvejaram Meshaal

pulverizando-o com veneno em sua orelha esquerda, causando uma paralisia instantânea e sua morte aconteceria dentro de 48 horas. No entanto, nada saiu como planejado para o Mossad, pois as forças de segurança jordaniana prenderam dois dos agentes israelenses e os outros três esconderam-se na embaixada, sendo esta cercada pelas tropas. Netanyahu enviou emissários ao rei Hussein para pleitear a liberação dos agentes. Porém, para tanto, Israel deveria fornecer um antídoto, o qual foi ministrado pelos médicos jordanianos para salvar a vida de Meshaal. Israel ainda teve que libertar das suas prisões nove jordanianos e 61 palestinos, dentre eles o Sheikh Ahmad Yassin, líder espiritual do Hamas. Só então o rei Hussein libertou os cinco agentes do Mossad (BLAIR, 2012, s/p).

Apesar disso, as divergências entre o Hamas e o governo jordaniano continuaram a crescer, visto que anunciavam malefícios ao equilíbrio entre o governo e a Irmandade Muçulmana da Jordânia, a qual se queixou sobre o comportamento de Meshaal e suas decisões sem consultá-los. As detenções de diversos membros do Hamas, pela inteligência jordaniana, no início de 1999, desagradaram à liderança da Irmandade Muçulmana. Tal tensão foi exacerbada quando, no mesmo ano, dois guarda-costas de Meshaal foram detidos para não realizar licenças de armas (CHEHAB, 2007, p. 132).

Em 29 de agosto de 1999, o governo da Jordânia publicou uma declaração ordenando o fechamento do escritório do Hamas, em Amã, e proibindo suas atividades. Também emitiu um mandado de prisão contra o chefe de seu escritório político, Khaled Meshaal, e seus companheiros, o que irritou o ramo jordaniano da Irmandade Muçulmana. Três líderes do Hamas, incluindo Meshaal, que estavam em visita à Teerã, resolveram viajar para Damasco com o intuito de alcançar um entendimento sobre a situação e eximir-se de um confronto com a Jordânia. A cooperação e a compreensão mútua entre o Hamas e a Jordânia chegaram ao fim (CHEHAB, 2007, pp. 132, 133).

Já no começo dos anos 1990, o Hamas iniciou sua amizade com o Qatar, quando o Sheikh Hamad bin Khalifa era o príncipe herdeiro. A relação ficou mais estreita em 1995, quando Hamad foi nomeado Emir. Meshaal declarou que “a Jordânia estava à procura de um pretexto para encerrar a presença do Hamas no país, acreditou nas afirmações de que as armas e outras irregularidades tinham sido encontradas”, mas reiterou que “nenhuma delas era verdade”. A Jordânia apenas consentiu em liberar Meshaal se este concordasse em deixar o país. Em um de novembro de 1999, ele foi escoltado da prisão ao Aeroporto

Marka, em Amã, onde embarcou em um voo privado. Muhammad Abdullah al-Mahmoud, membro do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Qatar, também estava a bordo, e os membros do Hamas foram levados para Doha, capital do Qatar (CHEHAB, 2007, p. 133).

Porém, em janeiro de 2012, uma visita de Meshal a Amã foi organizada com a mediação do Qatar. Abdullah é um forte aliado americano na região, e conceder um status secundário à Meshal parecia ser não só uma questão de protocolo, mas também um recado para as sensibilidades em Washington e em Israel, onde o Hamas é considerado uma organização terrorista devido seus ataques contra civis em Israel. Meshal, acompanhado por seu vice e quatro altos funcionários do Hamas, afirmou após a reunião que seu grupo “respeitaria os limites de qualquer relacionamento determinado pelos dois lados”. Ele ainda acrescentou que o Hamas estava ansioso para “estabelecer relações únicas com a Jordânia”, e deu garantias de que “o movimento procura a segurança de Jordânia e sua estabilidade”. Abdullah declarou que “as negociações entre ambos os lados, com o apoio da comunidade internacional, é a única maneira para o povo palestino recuperar seus direitos”, de acordo com um comunicado da corte real (GREENBERG, 2012, s/p).

A Síria e o Hamas

A relação com a Síria remonta ao início dos anos 1990. Juntamente com o Irã, a discordância com Arafat, defensor dos acordos de Oslo e de Madrid com Israel, ajudou a fortalecer seu relacionamento com Damasco. Vários encontros entre Arafat e Hafez al-Assad, nesse momento presidente da Síria, tinham sido tépidos, visto que havia desconfiança entre eles. Arafat tinha a sensação de que a Síria desejava ter a última palavra sobre qualquer resolução para a Palestina. Em uma reunião do Conselho Nacional Palestino (CNP), realizada na Universidade de Damasco, em 1979, Assad, em seu discurso, fez alusão à Palestina como “a parte sul da Síria”. Já Arafat, ao fazer seu último discurso na conferência, revidou com uma pitada de humor, referindo-se à Síria como “a parte norte da Palestina” (CHEHAB, 2007, p. 143).

Com a invasão israelense no Líbano, em 1982, Arafat e a OLP foram expulsos, recebendo passagem segura para saírem do país. A reação natural seria escolher a capital síria, Damasco, para deslocar sua base e um grande número da população palestina, contudo,

Arafat optou pela Tunísia, onde, segundo o presidente palestino, ele poderia preservar sua independência, o que desagradou o presidente sírio. Mais tarde, quando Arafat visitou Damasco, a partir da Tunísia, ele foi informado de que era “persona non grata” e foi exigida a sua saída do país. Então, Arafat foi escoltado para o aeroporto por um oficial de baixa patente da inteligência síria para garantir a sua partida (CHEHAB, 2007, pp. 143, 144).

Poucos meses antes, os indícios de tensão entre Arafat e Assad surgiram quando a Síria começou a demonstrar simpatia para com alguns dos rivais de Arafat dentro do movimento Fatah, quais sejam: Abu Moussa, Abu Saleh, e Kadri, os quais estabeleceram uma sede independente em Damasco. Assim que o Hamas abriu um gabinete de informação em Damasco, os membros do bureau político do movimento deslocaram-se para a capital síria, onde se tornaram atuantes na Aliança das Dez Facções Palestinas, reunindo-se frequentemente para organizar suas atividades e chegar a um acordo sobre uma forma de enfrentar EUA, Israel e a Autoridade Palestina. O crescente suporte ao Hamas, na Cisjordânia e em Gaza, contribuiu para o fortalecimento da relação com a Síria (CHEHAB, 2007, pp. 144-145).

A maioria das facções palestinas, com suas bases na capital síria, não compartilhava o apoio oferecido ao Hamas. Contudo, o governo sírio congratulou a organização como um “movimento de resistência legítimo contra a ocupação israelense”. Na Conferência de 1996, o partido al-Ba’ath sinalizou a importância de uma aliança entre ambos caracterizando o movimento como “nacionalista e islamita”. O Hamas tinha liberdade para traçar a sua própria estratégia dentro dos territórios ocupados apesar da cooperação existente entre o Hamas e o Hezbollah. Embora esta relação derive da resistência à ocupação, o relacionamento entre eles tornou-se mais sólido devido suas ligações com a Síria e o Irã (CHEHAB, 2007, pp. 145-146).

O primeiro indício de uma clara aliança entre a Síria e o Hamas manifestou-se em 1994, momento em que preparativos para a criação de uma Autoridade Palestina em Gaza e Jericó estavam em curso e o Rei Hussein sinalizou que estava disposto a assinar um tratado de paz com Israel, contrariando sua promessa de esperar por uma solução global. Enquanto Hussein reunia-se com funcionários da administração Clinton em Washington, uma delegação do Hamas, liderada por Ibrahim Ghoshi, chegou à Damasco e se encontrou com altos funcionários do governo sírio, dentre eles, o vice-presidente Abdul Halim Khaddam e o ministro do Exterior,

Farouq al-Sharaa. Após o seu regresso à Amã, Ghoshi mencionou que “tal encontro inaugurou uma nova era de relações entre o Hamas e a Síria, marcada pela consideração e compreensão mútua” (GAMBILL, 2002, s/p).

Sheikh Izz al-Din Khalil, comandante da ala militar do Hamas, chegou à Damasco e estabeleceu uma sede para a ala militar do movimento. Khalil fazia parte dos membros do Hamas que foram deportados de Gaza para o sul do Líbano em 1992, mas um dos poucos que decidiu não retornar. Na Síria, trabalhou juntamente com a inteligência militar síria. Com a chegada de Alami em 1995, Damasco transformou-se no centro das atividades do grupo – planejamento estratégico, comando e controle. A escolha pela capital síria deveu-se ao fato de que o país manteve uma posição rígida com relação a Israel, além das poucas restrições exigidas pelo governo sírio acerca das atividades do Hamas, se comparadas com as exigências da Jordânia. Além desses atrativos, Damasco ainda poderia contribuir para que o Hamas mantivesse contatos com o Irã, visto que nenhum outro país árabe nutria fortes relações com a República Islâmica (GAMBILL, 2002, s/p).

Em Julho de 1996, os jordanianos apresentaram a Damasco um documento minucioso sobre o Hamas e outras organizações islâmicas na Síria, que estavam planejando ataques contra alvos israelenses e jordanianos. Ao ser pressionado pelos EUA e Israel, o governo de Assad prendeu diversos membros do Hamas e do Jihad Islâmico, bem como militantes islâmicos do Egito e Iêmen. Entretanto, a atitude do governo sírio foi breve e todos os militantes dos dois movimentos foram libertados “às escuras”. Durante algum tempo, os sírios também proibiram o escritório de Damasco a partir da emissão de créditos de responsabilidade por ataques terroristas do Hamas. Por outro lado, o regime de Assad permitiu acesso virtual ilimitado e instalações ao movimento, o qual aproveitou a oportunidade para fazer contatos com membros do Hezbollah, quando vários militantes do Hamas foram deportados para o sul do Líbano em 1992 (GAMBILL, 2002, s/p).

Dias após o sequestro do soldado israelense, Gilad Shalit, planejado pelas facções palestinas incluindo o braço militar do Hamas, quatro aviões de guerra israelenses sobrevoaram o palácio de verão do presidente sírio, Bashar al-Assad (filho de Hafez al-Assad), em Latakiya, na Síria. Voando em baixa altitude, os jatos faziam parte de uma operação israelense a fim de pressionar o governo sí-

rio para que expulsasse Meshaal do país. Segundo Israel, “Meshaal tinha ordenado e orquestrado de Damasco o sequestro de Shalit”. Haim Ramon, ministro da Justiça, afirmou que “Meshaal era um alvo para assassinato. Ele está em nossa mira. Ele é alguém que está, na verdade, supervisionando e comandando atos terroristas”. Avi Dichter, ministro do Interior e ex-chefe do Shabak (Agência de Segurança de Israel), declarou que “a razão não se baseava em colocar Meshaal numa prisão israelense. Israel, como nação esclarecida, colocou algumas restrições sobre si mesmo”. No entanto, Dichter não revelou que, dois anos antes, agentes do Mossad tentaram assassinar Meshaal, em Damasco (CHEHAB, 2007, p. 149).

Em setembro de 2012, Meshaal encerrou suas atividades, fechou seu escritório em Damasco e começou a passar a maior parte do tempo no Qatar, país inimigo de Assad e um dos países que forneceu armas e capital aos insurgentes sírios. Quando a revolta popular contra Assad eclodiu, em março de 2011, os 500 mil palestinos que estavam na Síria como refugiados, primeiramente, tentaram manter-se distantes do conflito. Mas, após alguns meses, os palestinos começaram a protestar e alguns até se juntaram aos rebeldes sírios que tentam derrubar o governo de Assad. A mídia estatal da Síria promoveu um violento ataque contra Meshaal acusando-o de traição e ingratidão, como também por ignorar seu protetor, presidente da Síria, em um momento difícil:

O avião que o levava era enviado de volta dos céus dos aeroportos como se ele fosse uma peste. Doha, Ancara, Amã e Cairo, todos lhe deram as costas, porque Israel vetou sua acolhida, e apenas Damasco ousou desafiar o veto israelense. A única interpretação possível para a postura repentinamente acolhedora deles é que você não é mais procurado pela ocupação e não é mais uma ameaça à segurança deles. A Síria não se arrepende, porque não o fez esperando lealdade ou agradecimento. A Síria está feliz, porque a pessoa que traiu a resistência por poder partiu (BARNARD; MOURTADA, 2012, s/p).

Panorama atual

Em 24 de julho de 2015, um funcionário do alto escalão do Hamas concedeu uma entrevista à Al Jazeera, na qual confirmou as afirmações de que o Irã havia interrompido o apoio militar à organização. Esse ato causou um grande impacto na disputa pelo poder entre duas alas do movimento: política e militar, pois o Irã exercia

a função de patrono-chefe do braço militar. O corpo político do Hamas, então, resolveu efetuar aberturas diplomáticas em direção à Arábia Saudita, como também a realização de uma reunião entre Khaled Meshaal e Sergei Lavrov, ministro das relações exteriores da Rússia, em Doha. Entre os anos 2000 e 2004, a Arábia Saudita custeou a maior parte das operações do movimento. Segundo avaliações israelenses, o GCC (Gulf Cooperation Council) cooperou com US\$ 12 milhões anuais para o orçamento do Hamas, enquanto o Irã contribuía com US\$ 3 milhões. Porém, em 2004, tal suporte financeiro diminuiu devido à pressão norte-americana (RAMANI, 2015, s/p).

O discurso agressivo iraniano dirigido a Israel fez com que o Irã se tornasse o aliado e financiador ideal para o Hamas. Todavia, as relações entre ambos têm sido prejudicadas, desde 2011, visto que o Irã garante apoio ao governo sírio de Assad. A amizade entre os dois apenas foi retomada no final de 2014, momento em que o Hamas procurou um aliado regional capaz de combater a oposição egípcia feita pelo presidente Abdel Fattah al-Sisi. Ao preferir estreitar as relações com a Arábia Saudita, mais comedida em suas críticas contra Israel, a ala política do Hamas pode estar demonstrando o desejo de melhorar sua imagem internacional. Os crescentes envolvimentos da organização com a Arábia Saudita e a Rússia podem ser justificados devidos dois aspectos: ou o Hamas está tentando expandir seus recursos financeiros criando uma concorrência entre a Arábia Saudita e o Irã; ou faz parte da luta pelo poder entre as duas alas do Hamas (RAMANI, 2015, s/p).

Certamente, a liderança da ala política do Hamas anseia por um cessar-fogo com Israel com a finalidade de abrandar o bloqueio israelense permanente em Gaza. A influência do braço militar sobre a ala política na tomada de decisões de política externa gera impopularidade à liderança do Hamas na Faixa Gaza. A péssima condição econômica de Gaza, derivada do bloqueio e da recusa do Egito em apoiar o movimento, fez com que o Hamas preferisse um acordo de trégua, essencial para a sua sobrevivência na seara política, a longo prazo. Todavia, a supremacia da ala militar e o Irã, o qual está disposto a fornecer capacidades militares para enfrentar Israel, prejudicaram a credibilidade da oferta de uma trégua a Israel. Meshaal necessita reverter esse quadro para que a ala política do Hamas consiga adquirir confiabilidade e, conseqüentemente, apoio financeiro. O suporte da Arábia Saudita pode modificar a ba-

lança de poder em Gaza, beneficiando a ala política mesmo se o Irã retomar o financiamento para operações militares (RAMANI, 2015, s/p).

Na ausência de outro aliado leal – a relação do Irã com o Fatah é instável e, em março de 2015, o apoio financeiro ao Jihad Islâmico foi suspenso devido à neutralidade deste no conflito do Iêmen – o Irã pode retomar seus recursos financeiros à ala política do Hamas, pois ao contrário da Arábia Saudita, o Irã não carece de uma estabilidade entre o Hamas e o Fatah. Além disso, as relações entre Arábia Saudita e Qatar e a difícil relação do Qatar com o Irã indicam que o Qatar não apoiará uma ala militar pró-Irã. A falta de motivações competitivas entre Qatar, Arábia Saudita e Irã ofereceriam à Meshaal uma enorme quantia de recursos financeiros, o que ajudaria a cimentar seu controle do poder e enfrentar a crise econômica de Gaza. As divergências ideológicas com a Arábia Saudita, novo aliado do Hamas, insinuam que tal aliança não demonstra firmeza, mas que o objetivo do Hamas baseia-se em criar uma guerra de ofertas por sua lealdade, enriquecendo o padrão político da organização (RAMANI, 2015, s/p).

O auxílio proveniente da Arábia Saudita ofertaria à ala política do Hamas uma capacidade organizacional e recursos financeiros necessários para impedir que a asa militar eternize uma imagem radical. Em julho de 2014, o corpo político conseguiu interromper as tentativas de capturar reféns israelenses e executar um ataque surpresa contra Israel pelas Brigadas al-Qassam, ala militar do Hamas. Meshaal afirmou que “tal plano incitaria uma grande represália israelense, o que agravaria a crise humanitária em Gaza”. Meshaal, ao conseguir alterar as políticas do Hamas, garantindo que Israel não tenha motivos para operar mais ataques aéreos e reunir as elites políticas do movimento ao redor da retórica pacífica dos direitos de soberania palestina, aumentaria sua popularidade, tanto em Gaza como internacionalmente, afastando ainda mais a ala militar (RAMANI, 2015, s/p).

O Hamas tem plena consciência de que sua estratégia em direção à Arábia Saudita é estimulada e explicada não pela semelhança ideológica, e sim pela necessidade. O relacionamento da Arábia Saudita com o governo egípcio de Sisi e seus laços diplomáticos com os rivais do Hamas – como, por exemplo, o Fatah – está em discordância com os ideais do Hamas, especialmente desde as detenções de diversos ativistas do Hamas na Cisjordânia, o que perpetuou as

rivalidades entre as referidas organizações palestinas. Devido a tais antagonismos, o Hamas menciona “apenas em curto prazo” quando se refere à sua aproximação com o governo saudita. Por outro lado, a organização admite que um isolamento da sua ala militar, mesmo por um curto espaço de tempo, poderia debilitá-la materialmente (RAMANI, 2015, s/p).

Já com relação ao Irã, este ainda almeja um lugar de liderança na criação de um Estado palestino independente e Rouhani declarou que “o país advogará qualquer acordo de paz, desde que haja anuência por parte do povo palestino”. Caso Meshaal considere o enfraquecimento da asa militar como algo que melhore a situação econômica de Gaza, elucidando que a abordagem extremista do al-Qassam acaba contribuindo para o bloqueio israelense, o Irã também pode julgar a ala militar como um grande empecilho à causa palestina (RAMANI, 2015, s/p). Ainda sobre o bloqueio à Gaza, vale salientar que, em abril de 2016, Israel decidiu amenizar o bloqueio marítimo e estender a área na qual os pescadores palestinos estarão autorizados a trabalhar:

“A zona de pesca, autorizada no Mediterrâneo, passará das atuais seis milhas náuticas (11 km) a nove milhas, mas apenas diante das costas meridionais da Faixa de Gaza”, anunciaram Nizar Ayyash, presidente do sindicato de pescadores de Gaza, e o COGAT, órgão do Ministério da Defesa de Israel, responsável por coordenar as atividades israelenses nos territórios palestinos ocupados. A zona de pesca seguirá limitada a seis milhas ao norte de Wadi Gaza, rio que divide a Faixa de Gaza (FRANCE PRESSE/G1 MUNDO, 2016, s/p)⁵.

Desde a derrubada do presidente egípcio Muhammad Mursi, em 03 de julho de 2013, o Hamas esteve na mira do governo egípcio. O regime do Cairo iniciou uma campanha para destruir os túneis fronteiriços e acusou o Hamas de apoiar organizações terroristas na Península do Sinai, além de considerar a ala militar do Hamas uma organização terrorista. O Egito também intensificou o bloqueio à Faixa de Gaza ao fechar a passagem de Rafah. Dessa forma, o papel de liderança do Egito com relação à causa palestina desapareceu (QATRAWI, 2016, s/p). Após seis meses da última visita ao Egito por representantes do Hamas, em setembro de 2015, uma delegação composta por altos funcionários do movimento fez uma visita de cinco dias ao Cairo, em 12 de março. Segundo um

5. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/04/israel-ameniza-o-bloqueio-maritimo-imposto-a-gaza.html>

membro de alta patente do Hamas que esteve presente nas conversações com o Egito:

As reuniões abordaram uma série de tópicos importantes de segurança, como o rapto de quatro militantes do Hamas na Península do Sinai, em 20 de agosto de 2015, a demanda do Hamas para abrir permanentemente a passagem de Rafah e a acusação feita pelo Egito de que o Hamas estaria envolvido no assassinato do ex-procurador-geral egípcio, Hisham Barakat, em junho de 2015, além da continuação do trabalho em alguns túneis entre a Faixa de Gaza e o Sinai. Embora tenhamos enfatizado a nossa não interferência nos assuntos internos egípcios, continuamos a controlar nossas fronteiras de segurança com o Sinai (AMER, 2016, s/p).

A visita da delegação do Hamas ao Cairo pode ter trazido uma esperança de que um novo rumo nas relações bilaterais entre ambas as partes será iniciado. Em 17 de maio, um comunicado feito pelo porta-voz do Hamas, Sami Abu Zuhri, ilustrou o contentamento do grupo com as recentes declarações egípcias sobre a reconciliação com o movimento e confirmou a sua disponibilidade para lidar com esses esforços para acabar com a divisão palestina e abrir uma nova página com o Egito (QATRAWI, 2016, s/p).

Já a relação com o Qatar teve um recomeço quando Israel bloqueou a Faixa de Gaza após a vitória do movimento nas eleições de 2006. O relacionamento ganhou maior dinamismo na cúpula de Doha, realizada durante o conflito em Gaza, em 2008 e 2009. Meshaal foi convidado a participar da cúpula e, pela primeira vez, sentou-se ao lado de chefes de estados árabes, dentre eles, Sheikh Hamad bin Khalifa al-Thani, Emir do Qatar, Bashar al-Assad, presidente sírio, Mahmoud Ahmadinejad, na época presidente do Irã, e Recep Tayyip Erdogan, na ocasião primeiro-ministro da Turquia. Durante a cúpula, o Qatar declarou que “forneceria US\$ 250 milhões para reparar os danos causados pelo conflito”. Tais acontecimentos fizeram do Qatar o principal jogador na questão palestina. Este novo ator no cenário palestino considerou o bloqueio à Gaza “injusto e imoral”, fazendo com que Ismail Haniyeh e seus ministros agradecessem o Qatar pelo “apoio incondicional e ininterrupto”. Logo, o Qatar iniciou apoio político, material, humanitário e social (AMER, 2013, s/p).

O Qatar ajudou o Hamas financeiramente através de doações, subsídios e projetos de campo com o intuito de preencher o vácuo deixado pela cessação do apoio iraniano. Além desses, o Qatar também deu ao Hamas um papel regional, pois o país foi considerado

a “madrinha” do movimento em fóruns regionais e internacionais. A título de exemplo vale citar a visita do Emir do Qatar à Gaza, em outubro de 2012, para discutir uma possível reconciliação entre o Fatah e o Hamas. Por outro lado, a política do Qatar é mais equilibrada do que a do resto dos Estados Árabes do Golfo, apesar da concessão e apoio ao Hamas e, deve ser lembrado que o Qatar abriga as mais importantes bases militares dos EUA na região. Dessa maneira, o Qatar não poderá fornecer ao Hamas apoio militar (AMER, 2013, s/p).

De acordo com o exposto acima, o Hamas tem plena consciência de que o apoio do Qatar jamais alcançaria o nível militar, o que aconteceu quando o Hamas formalizou aliança com o Irã. No entanto, a ajuda militar é a procura mais urgente do movimento. Essa questão foi o foco de discussão entre duas alas do movimento quando foram discutidas suas antigas e novas alianças (AMER, 2013, s/p).

Conclusões

Khaled Hroub (2008, p. 202) analisou dois cenários possíveis para o Hamas. O cenário favorável reside na condição do movimento demonstrar eficiência no governo, o que implica enfrentar muitos e difíceis desafios: assegurar apoio financeiro da comunidade internacional para garantir o controle do governo; cumprir o prometido com relação às difíceis situações enfrentadas pelos palestinos; melhorar a posição dos palestinos diante de Israel sem abdicar de seus princípios fundamentais; controlar as facções armadas que podem prejudicar o Hamas ao causar caos e medo nas ruas palestinas. Dessa forma, o movimento conservaria sua popularidade, além de ganhar experiência política.

Com relação à análise do cenário desfavorável, isso aconteceria se, para o povo palestino, o Hamas falhar internamente, o que ocorreria se as pressões norte-americana e europeia sobre o Hamas fossem oriundas da rivalidade interna. Com o intuito de atenuar as pressões externas, o movimento deveria reconsiderar suas principais posições em relação ao reconhecimento de Israel. Todavia, caso isso sucedesse sem assegurar conquistas essenciais para os palestinos, o Hamas poderia perder muito. Caso o grupo tome tal atitude com o intuito de manter uma coerência política, o Hamas adiará o comando para ataques militares contra alvos israelenses. Por ou-

tro lado, outras facções palestinas militares aproveitariam a chance para ultrapassar o Hamas na área militar, declarando que são mais fiéis ao propósito da resistência do que o próprio movimento Hamas. Neste caso, o grupo poderia entrar num combate armado contra essas facções e o péssimo resultado desse cenário seria o surgimento de uma guerra civil (HROUB, 2008, pp. 202, 203).

Ao que concerne à política externa do Hamas, questão primordial deste artigo, a organização está tentando preservar os relacionamentos com seus financiadores de longa data, principalmente com o Irã. Um funcionário do alto escalão do Hamas, preferindo a condição de anonimato, sustentou:

O Irã é um amigo. Foi um amigo muito próximo, não se esqueça disso. Mas, hoje existem esforços para normalizar os laços mais uma vez. Isso leva a enfrentar alguns obstáculos de ambos os lados. [...] Havia planos para que Khaled Meshaal fizesse uma visita à Teerã, mas, em várias ocasiões, as visitas foram canceladas devido à nossa incerteza se tudo sairia como planejado (HASHEM, 2015, s/p).

Meshaal estava apreensivo com a possibilidade de não ser recebido pelo líder supremo do Irã e, dessa forma, uma viagem à Teerã seria desnecessária sem uma reunião com o aiatolá Ali Khamenei (HASHEM, 2015, s/p). Uma delegação com membros do alto escalão do Hamas chegou à Teerã, em nove de fevereiro de 2016, com o intuito de participar da comemoração do 37º aniversário da Revolução Islâmica do Irã. Membros do comitê executivo, Muhammad Nasr e Usama Hamdan, conduziram a delegação do Hamas e aproveitaram a chance para receber vários funcionários iranianos, incluindo nesta lista Ali Larijani, presidente do parlamento iraniano, e Ali Shamkhani, secretário do Conselho Supremo de Segurança Nacional. Por anos, tentativas foram feitas para que um ponto em comum fosse encontrado, visto que diversos componentes causaram um arrefecimento nas relações com a ala política do Hamas, mas não prejudicou as relações com o braço armado, as Brigadas al-Qassam (HASHEM, 2016, s/p).

Os líderes da ala militar – Ahmed Jabari, morto pelas Forças de Defesa de Israel em 2012, e Muhammad al-Deif – preservaram os laços com o Irã, pois tinham ciência de que para conservar seu poderio militar e sua alta posição dentro do movimento, eles deveriam cultivar boas relações com o Irã. Eles sabiam que o apoio de Teerã era indispensável. Como já exposto, diversos esforços foram feitos para preparar uma reunião de reconciliação entre Meshaal e autoridades

de Teerã, mas não surtiu o resultado esperado. Meshaal, sentindo-se sem opção, tomou a decisão de tentar uma aproximação com a Arábia Saudita. Tal fato poderia causar uma mutação ao Hamas: de um movimento conduzido por sua ala militar, que em várias ocasiões reverteu em confrontos com Israel, para um movimento conduzido pela ala política. Logicamente isso não aconteceria do dia para a noite, porém, as repercussões de haver um Hamas sob o esteio saudita não deve ser menosprezado (ELDAR, 2015, s/p).

O capital saudita, cedido ao movimento, não deverá ser utilizado para objetivos militares. A Arábia Saudita, tradicionalmente, sempre forneceu ajuda humanitária para os países árabes que se encontram em perigo e o mesmo vale para os palestinos da Faixa de Gaza. Assim, o rei Salman Bin Abdul-Aziz AL-Saud enfatizou à Meshaal que “o apoio financeiro deverá ser utilizado exclusivamente para restituir Gaza e atenuar o sofrimento dos seus habitantes”. Portanto, conclui-se que esta aliança pode abalar a posição da ala militar do Hamas, visto que o montante monetário provavelmente será enviado através de órgãos civis do movimento (ELDAR, 2015, s/p).

O rei saudita prefere não se envolver em operações militares inúteis contra Israel ou em eventos que possam dificultar seu relacionamento com os Estados Unidos. O Hamas encontra-se em uma situação difícil, pois se a organização palestina atuar conforme as regras de conduta estabelecidas pelos sauditas, abdicando o uso da violência, o movimento resolverá seus problemas financeiros mais emergentes. Caso escolha não aceitar as exigências por parte o governo saudita, a sua “tábua de salvação financeira” será interrompida. Abu Marzouk, fundador do escritório político do Hamas, é considerado um gênio financeiro e, portanto, o candidato ideal para ocupar o cargo de “ministro das finanças” do Hamas. A transferência de dinheiro para a ala militar será meticulosamente controlada (ELDAR, 2015, s/p).

Antes de elaborar um cenário futuro do Hamas para os próximos anos, deve-se ressaltar que o Hamas é um movimento onde seus membros tomam atitudes independentes, prejudicando as ações da ala política. A organização estabeleceu uma nova sede oficial em Istambul, na Turquia, a ser operada por Saleh al-Arouri, com aprovação das autoridades turcas. Parece improvável que Arouri siga as recomendações do escritório político, já que tem ignorado as ordens do movimento e dirigido uma luta armada contra Israel e a Autoridade Palestina.

As tensões entre o Hamas e a Autoridade Palestina, em especial, o movimento Fatah, o qual também recebe apoio da Arábia Saudita, alcançaram novos níveis em 2015. Acusações entre ambos e uma série de detenções de ativistas do Hamas na Cisjordânia aumentaram as divergências com a Autoridade Palestina. Resta saber se a Arábia Saudita conseguirá amenizar tais tensões.

Ao longo de sua trajetória, o Hamas tem se deparado com difíceis decisões, nas quais as suas escolhas conseguiram descaracterizar tanto seu caráter quanto sua conduta. Uma vez que todas as outras opções mostram-se fechadas, fazer uma aliança com a Arábia Saudita ilustra o único meio que pode salvá-lo de uma derrocada. Levando-se em conta seus erros do passado, o movimento deve aprender com as experiências vividas e alterar sua política (ELDAR, 2015, s/p).

Referências

AMER, Adnan Abu. Hamas ties to Qatar have cost. **Almonitor**. The Pulse of the Middle East. April 22, 2013. Disponível em: <<http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2013/04/hamas-qatar-relationship-independence.html>> Acesso em: 10/07/2016.

AMER, Adnan Abu. Has there been a breakthrough in Hamas-Egypt ties? **Almonitor**. The Pulse of the Middle East. March 24, 2016. Disponível em: <<http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2016/03/hamas-visit-egypt-renew-ties.html>> Acesso em: 09/07/2016.

BARNARD, Anne; MOURTADA, Hania. Críticas de TV estatal síria ao Hamas evidencia fragilidade na relação do grupo com Assad. **UOL Notícias**. 4 de outubro de 2012. Disponível em: <<http://m.noticias.uol.com.br/midiaglobal/nytimes/2012/10/04/ataques-detcv-estatal-a-lider-do-hamas-evdiencia-fragilidade-na-relacao-do-grupo-com-assad.htm>>. Acesso em: 04 de abril de 2016.

BBC NEWS. Saiba mais sobre o Hezbollah. 25 de janeiro de 2011. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/01/110125_perfil_hezbollah_ji.shtml>. Acesso em: 24 de abril de 2016.

BLAIR, David. Khaled Meshaal: How Mossad bid to assassinate Hamas leader ended in fiasco. **The Telegraph**. December, 07, 2012. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/palestinianauthority/9730669/Khaled-Meshaal-How-Mossad-bid-to-assassinate-Hamas-leader-ended-in-fiasco.html>> Acesso em: 08/07/2016.

BRANDENBURG, Rachel. Iran and the Palestinians. **The Iran Primer**. United States Institute of Peace. 2010. Disponível em: <<http://iranprimer.usip.org/source/iran-and-palestinians>> Acesso em: 09/07/2016.

CHEHAB, Zaki. Inside Hamas: The Untold Story of Militants, Martyrs and Spies. In: **International Relations**. I.B.Tauris & Co Ltd, London – New York, 2007. Chapter 7, pp. 129-149.

DAHER, Joseph. Hamas: Dynamics & Evolution. **Mufah**. September 17, 2012. Disponível em: <<http://muftah.org/hamas-dynamics-evolution/#.VwKsWKQR-LIX>> Acesso em: 04 de abril de 2016.

ELDAR, Shlomi. Will Saudi Arabia save Hamas? **Almonitor**. 29 de julho de 2015. Disponível em: <<http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2015/07/israel-hamas-iran-funding-saudi-arabia-military-wing-quiet.html>>. Acesso em: 17 de abril de 2016.

GAMBILL, Gary C. Sponsoring Terrorism: Syria and Hamas. **Middle East Intelligence Bulletin**, v.4, n.10, out. 2002. Disponível em: <https://www.meforum.org/meib/articles/0210_s1.htm> Acesso em: 08/07/2016.

GLENN, Cameron. Who are Yemen's Houthis? The Iran Primer. **United States Institute of Peace**. April 29, 2015. Disponível em: <<http://iranprimer.usip.org/blog/2015/apr/29/who-are-yemens-houthis>> Acesso em: 10/07/2016.

GREENBERG, Joel. Hamas leader Khaled Meshaal visits Jordan's King Abdullah II as relations ease. **The Washington Post**. Middle East. January 29, 2012. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/middle_east/hamas-leader-visits-jordan/2012/01/29/gIQAvNs5ZQ_story.html> Acesso em: 10/07/2016.

G1 MUNDO. Israel ameniza o bloqueio marítimo imposto a Gaza. 1 de abril de 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/04/israel-ameniza-o-bloqueio-maritimo-imposto-a-gaza.html>>. Acesso em: 17 de abril de 2016.

HASHEM, Ali. Hamas caught between Tehran and Riyadh. **Almonitor**. 23 de agosto de 2015. Disponível em: <<http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2015/08/iran-hamas-ties-saudi-arabia.html>>. Acesso em: 17 de abril de 2016.

HASHEM, Ali. Hamas and Iran: new era, new rules. **Almonitor**. 19 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2016/02/iran-hamas-arab-spring-tehran-visit-repair-relations.html>>. Acesso em: 17 de abril de 2016.

HROUB, Khaled. **Hamas: um guia para iniciantes**. Difel, Rio de Janeiro, 2008.

KRAMER, Martin. Iran, Hizbullah, Hamas and the global jihad: a new conflict paradigm for the West. In: **Hamas: "Glocal" Islamism**. Jerusalem Center for Public Affairs, 2007, p. 61.

MUSLIH, Muhammad. The Foreign Policy of Hamas. Council on Foreign Relations. In: **Conclusions and Policy Implications**. New York, 1999, pp. 44-46.

QATRAWI, Iyad. Are Hamas, Egypt nearing reconciliation? **Almonitor**. The Pulse of the Middle East. June 2, 2016. Disponível em: <<http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2016/06/abu-zuhri-interview-al-monitor-hamas-egypt-ties.html>> Acesso em: 09/07/2016.

RAMANI, Samuel. Hamas's Pivot to Saudi Arabia. **Carnegie Endowment for International Peace**. Washington-DC. 17 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/sada/?fa=61315>> Acesso em: 23 de março de 2016.

TAYLOR, Adam. Who are Hamas's friends these days? It's more complicated than you might think. **The Washington Post**. 1 de agosto de 2014. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2014/08/01/who-are-hamass-friends-these-days-its-more-complicated-than-you-might-think/>>. Acesso em: 15/04/2016.

TOAMEH, Khaled Abu. How Iran is encircling the Gulf and Israel. Gatestone, Institute International Policy Council. **Gatestone Institute**. International Policy Council. 27 de janeiro de 2015. Disponível em: <<http://pt.gatestoneinstitute.org/5197/ira-cercando-golfo-israel>> Acesso em: 05 de abril de 2016.

WILSON, Scott. Hamas sweeps Palestinian Elections, Complicating Peace Efforts in Mideast. **The Washington Post**. 27 de janeiro de 2006. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/01/26/AR2006012600372.html>>. Acesso em: 23/04/2016.

WRIGHT, George. Israel assassinates Hamas leader. **The Guardian**. 22 de março de 2004. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2004/mar/22/israel1>>. Acesso em: 24 de abril de 2016.